BLUMENAU
em CADERNOS
Tomo I
Número 9
Agôsto de 1958

RODEIO, um dos mais novos municípios desmembrados do território de Blumenau, é dos mais importantes produtores de fumo e de arroz da Bacia do Itajaí. Colonizado por imigrantes tiroleses e italianos, entrados a partir de 1875, estendem-se as suas linhas coloniais pelos vales ubérrimos do Rodeio, do São Pedrinho, do Benedito e de outros pequenos cursos d'água que banham as mais férteis terras de tôda a região. Os seus habitantes, na sua quase totalidade, dedicam-se à agricultura. Há também pequenas indústrias de beneficiamento de madeira e de arroz. É grande produtor de vinho.

Uma visita a Rodeio, às suas magníficas "valadas" deve estar no itinerário de quantos visitarem o Vale do Itajaí.

Blumenau em Cadernos

Mensário dedicado à história e aos interêsses do Vale do Itajaí

Assinatura 12 números	Cr$ 100,00
Número avulso	Cr$ 10,00

Administração e responsabilidade de Luiz Ferreira da Silva.
Tôda a correspondência deverá ser dirigida a

Blumenau em Cadernos
Caixa Postal, 425
BLUMENAU — S. CATARINA

Tomo I	Número 9	Agôsto de 1958

QUEM se der ao trabalho de vasculhar os arquivos de nossa comuna encontrará coisas interessantíssimas e que já há muito haviam caído no esquecimento. E' portanto de louvar-se a iniciativa de José Ferreira da Silva, de trazer a público e à apreciação dos atuais e futuros afeiçoados da história de Blumenau, fatos e episódios que estão intimamente ligados à formação administrativa, econômica e cultural de nosso município e do vale do Itajaí. Aí estão, por exemplo, os "RELATÓRIOS" do Dr. Blumenau, nos quais êste presta minuciosa conta de sua administração ao Govêrno, informando-o ainda de tôdas as ocorrências principais da colônia e do desenvolvimento desta. A êstes "Relatórios" o Dr. Blumenau anexava quadros estatísticos, os quais, por assim dizer, serviram de modêlo aos atuais minuciosos relatórios apresentados pelos Prefeitos blumenauenses, anualmente, à Câmara de Vereadores. Mas nem tudo podia ser tratado nestes relatórios, sobretudo atos que inicialmente eram de interêsse exclusivamente particular, tornaram-se, com o tempo, fatos históricos, em virtude de não se terem tornado comum e vulgar, mas permanecido isolados e únicos. Entre êstes podemos citar a existência e manutenção de escravos na colônia de Blumenau. Sabemos que o Dr. Blumenau era um inimigo da escravidão, pois um dos traços mais característicos do mesmo era o seu amor à liberdade individual, baseada numa moral sumamente cristã e sua ideologia democrática. Assim é que êle, já muito antes de iniciar sua colonização aqui no Brasil, deixou bem claro, em suas "Propostas" submetidas ao Govêrno Imperial, que de forma alguma seria tolerada a escravatura no seio da colônia. Nestas "propostas" estabelecia-se, entre outras exigências e normas que: — "ficava radicalmente proibida a introdução de escravos na colônia." — "A nenhum morador da colônia será permitido manter escravos. Viajantes

e comerciantes vindos de fora poderão trazer escravos, porém, sòmente para um prazo prefixado e ùnicamente para prestarem serviços domésticos".

Se bem que esta "Proposta" não chegou a adquirir fôrça de lei, o Dr. Blumenau durante todo o tempo em que estêve na direção da Colônia, zelou pelo fiel cumprimento destas disposições, não permitindo a entrada de escravos, pois só assim se compreende que até a emancipação da colônia e o afastamento do Dr. Blumenau da direção da mesma, não houve um só caso de compra ou introdução de escravo em Blumenau. Foi preciso que viesse a emancipação e com ela a volta do Dr. Blumenau para a Alemanha, para que em Blumenau o comércio de escravos fôsse introduzido. Mas mesmo assim, no lapso de tempo decorrente entre a emancipação da Colônia, em 1880 e a promulgação da "Lei áurea", em 1888, houve apenas um único caso de compra de escravo, transação esta constante da escritura lavrada nas notas do 1.º tabelião desta cidade, em 13 de maio de 1882, justamente 6 anos antes da abolição da escravatura no Brasil. Por se tratar de um documento interessante, passamos a transcrevê-lo na ortografia original:

LIVRO DE NOTAS N.º 13 — Fls. 16 a 17. —

Escriptura de venda d'um escravo de nome Camillo que a Pedro Wagner faz Dona Alexandrina Maria da Conceição, pela quantia de seiscentos mil reis, na forma abaixo.

SAIBAM quantos este publico instrumento de escriptura de venda virem, que sendo no Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e dois, aos treze dias do mez de Maio do dito anno, nesta Freguezia São Paulo de Blumenau, em cartorio comparecerão presentes partes havidas e contractadas, como vendedora Dona Alexandrina Maria da Conceição representado por seu bastante procurador Polidoro Dias de Moura, que por isso exhibio a divida e legal procuração feito pelo Tabellião Tavares da Cidade de Itajahy no Livro de Notas Numero vinte folhas vinte e nove verso e como comprador Pedro Wagner, moradores deste districto, reconhecidos pelos proprios de que dou fé. E pelo mesmo procurador da vendedora foi dito, em presença de duas testemunhas abaixo nomeadas e assignadas, que a Dona Alexandrina Maria da Conceição é senhora e possuidora de um escravo de nome Camillo, solteiro, côr parda, natural desta provincia, lavrador de quarenta annos de idade, mais ou menos, e por que o possue livre e dezembaraçado de qualquer penhora ou hypotheca, com todos os seus achaques — novos e velhos, vende como defacto vendido tem de hoje para sempre por meio desta ao comprador Pedro Wagner, por preço da quantia de seiscentos mil reis 600$000, o que lhe foi entregue pelo dito comprador em moeda corrente deste Império, pelo que lhe dava plena e geral quitação de pago e satisfeito para mais em tempo algum lhe não ser pedida por si e nem por seus herdeiros; e que toda posse, domínio e senhoria que no dito escravo tem tido todo cede e traspassa para a pessoa do comprador, que o gozará como seu, que fica sendo por bem desta. E pelo comprador foi dito que aceitava esta escriptura de venda a elle feita, e desde já se dava por empossado do referido escravo Camillo. Pagou o comprador a siza na collectoria das rendas provinciais como consta da Certidão do teôr seguinte: Guido von Seckendorff, Escrivão interino das rendas provinciais de Blumenau. Certifico que o Senhor Pedro Wag-

CIDADE-PALÁCIO

O DIGNO e ilustrado professor, Sr. Francisco C. Corrêa acaba de compor, com versos de J. Ferreira da Silva, um interessante hino à cidade de Blumenau, que tem merecido francos louvores dos entendidos, que o julgam uma peça harmoniosa, de fácil interpretação, mesmo pelas crianças das escolas. Os estabelecimentos de ensino primário e secundário de Blumenau já o estão ensaiando com a dupla finalidade de, com a sua execução, abrilhantarem as solenidades em que tomarem parte e a de incutirem, em seus alunos, maior intusiasmo e civismo pelo engrandecimento material e moral de sua comuna.

Na impossibilidade, por motivos de ordem técnica, de trazer a partitura para as páginas dêste caderno, damos pelo menos, a sua letra.

Os que desejarem obter um exemplar da partitura para piano e côro a quatro vozes, poderão dirigir seus pedidos ao autor, Sr. Francisco C. Corrêa. Rua Gonçalves Dias, 222 — Curitiba - Paraná, enviando Cr$ 15,00 para as despesas de cópia e porte postal.

São êstes os versos do hino a Blumenau:

Blumenau, ó "cidade-palácio",
Moradia de um povo feliz,
A cultura que ostentas, pujante,
Enaltece êste grande país.

Estribilho:

Cantando as tuas belezas
Tua gente varonil,
Na virtude, no trabalho,
E' orgulho do Brasil

Os colonos, que um dia te ergueram,
Foram sábios, velaram por ti,
Te cobriram de flôres, de glórias,
Linda pérola do Itajaí!

CONTINUAÇÃO DA PAGINA ANTERIOR

ner, pagou hoje nesta Collectoria a quantia de quarenta mil reis de siza pela compra a Polydoro Dias de Moura, procurador de Da. Alexandrina Maria de Conceição do Escravo Camillo. Collectoria das rendas provinciaes de Blumenau, treze de Maio de mil oitocentos e oitenta e dois. Guido von Seckendorff. E de como assim disserão, outorgarão e prometterão cumprir e guardar, pedirão a mim Escrivão lhes fizesse esta escriptura em meu livro de notas, o que fiz por me cumprir, e de tudo dou fé; e como pessoa publica stipulo e aceito em nome dos outorgantes e de quem mais deva ser, aos quaes esta li e por acharem como outorgado havião, assignarão todos com as testemunhas presentes Ricardo Vogt e Hermann Baumgarten, meus conhecidos, Augusto Gloeden Junior, Escrivão de Paz o escrevi e assigno em publico e raso. Em testemunho da verdade. O Escrivão de Paz — Augusto Gloeden Junior, Polydoro Dias de Moura, Pedro Wagner, R. Vogt, Hermann Baumgarten. —

O PARADISÍACO VALE DO RODEIO

ESTENDENDO-SE por vales ubérrimos, das melhores terras de cultura da Bacia do Itajaí, Rodeio é um dos mais ricos e pitorescos municípios da região. Seu povo, quase todo descendente dos tiroleses e italianos que se incorporaram, em 1875, à Colônia Blumenau, é composto de gente trabalhadora, ordeira e alegre. Seus vastos arrozais, suas extensas plantações de fumo, seu comércio e suas pequenas indústrias dão-lhe situação de grande destaque e concorrem com apreciável contingente para a riqueza do estado e do país. Sua sede é ainda uma cidade pequena, mas o município é vasto e suas linhas coloniais se espalham em tôdas as direções, cada qual com a sua capelinha, a sua escola, os seu comerciantes e os seus artífices e, como não podia deixar de ser, o seu salão de bailes. Gente que vive na abundância e que vive feliz, os colonos do Rodeio. Na fotografia, a matriz de Rodeio, dedicada a São Francisco, templo amplo, de linhas sóbrias, administrado pelos Padres Franciscanos que ali mantêm, igualmente, o noviciado da Ordem e um seminário menor.

PARECERES e SUGESTÕES

A IMPRENSA e os demais interessados na vida administrativa e cultural do município de Blumenau, discutem, atualmente, o destino a ser dado ao vapor "Blumenau", que ia ser vendido pela Estrada de Ferro Santa Catarina, a cujo acervo pertence, como sucata e que, em boa hora, o ilustre senhor diretor daquela ferrovia, resolveu entregar a destino mais compatível com a relíquia histórica que aquêle barco representa.

O "Blumenau" foi, incontestàvelmente, um dos grandes propulsores do progresso da colônia, fundada à margem do Garcia. Por dezenas de anos consecutivos, êle e o "Progresso" foram os únicos meios de transporte de passageiros e cargas entre a sede da colônia e Itajaí, o pôrto de mar por onde a lavoura, o comércio e as indústrias blumenauenses escoavam os seus produtos para outras localidades da província, do país e mesmo do exterior. Desempenharam um papel relevantíssimo no aumento da nossa riqueza.

Seria, pois, para o "Blumenau", depois de velho, imprestável, quase, para a prestação de outros serviços, um fim bem amargo jogá-lo ao canto, como cousa inútil, ou atirá-lo às forjas para transformar as suas peças em outros objetos de ferro.

O destino que lhe querem dar os interessados na conservação dessa relíquia, é louvável. Mas, parece-nos que êle teria continuado a sua gloriosa carreira se a Sociedade Amigos de Blumenau, ou mesmo a Prefeitura Municipal, tomasse a si a tarefa de transformar o "Blumenau" num museu flutuante.

Seria mais um motivo de orgulho para a cultura blumenauense e seria também mais uma atração turística, com que a cidade contaria, o tradicional vaporzinho, fundeado num dos aprazíveis recantos do nosso rio, em local de fácil acesso, apresentando aos olhos dos visitantes, objetos e documentos ligados à nossa história e ao desenvolvimento material e intelectual da colônia e do município.

A nosso ver, êsse seria o mais glorioso destino que poderia ser dado ao "Blumenau" que, durante tantos e tantos anos, foi fator indispensável na vida do blumenauense de anos atrás.

Considerem a Prefeitura e a Sociedade Amigos de Blumenau a idéia e realizem-na, na certeza de estarem praticando uma obra, que terá o apoio de quantos se interessem pela nossa comuna.

LUIZ Alves, recentemente elevado a município, foi fundado em 1877. Em abril de 1880 foi extinta a colônia. Em 31 de julho de 1912 foi ali criada uma paróquia sob a invocação de São Vicente de Luiz Alves.

O Centenário de Brusque

DADOS BIOGRÁFICOS SÔBRE SEU PATRONO

Almirante Lucas A. BOITEUX

"Quem trata do passado é desinteressado e só o desinterêsse enobrece, eleva e dignifica as aspirações dos homens".

Ed. Prado

TENHO ciência de que a população da simpática, garrida e progressista cidade de Brusque afervorada pelo sentimento cívico de seus mais destacados filhos, se prepara para, mui faustosa, condigna e merecidamente, festejar o primeiro centenário, que se aproxima, do seu belo e feraz torrão nativo.

Eu, que na minha saudosa e distanciada infância, acompanhando meus pais e irmãos, em visita às suas antigas amizades — os Bauer, os Renaux, os Scheffer, os Krieger (o velho e verboso Guilherme, veterano do Paraguai), os Klappot e outros mais — perlustrei muita vez, seus pinturescos recantos e apreciei, com alegria, seus festejos populares, dela nunca esqueci.

Bem me lembro, nostálgico, da travessia do rio feita por uma balsa; de um poço em que os vizinhos se abeberavam, fronteiro ao Hotel do expansivo Adriano Scheffer; da escadaria que levava à Igreja católica; da famosa Sociedade dos Atiradores e dos seus ruidosos bailes; e também do cemitério na encosta, duma colina, em que eu procurava a sepultura de algum conhecido e decifrar os epitáfios, em alemão (**Hier ruht** ou **In frieden ruhen**, aqui descança ou repousa em paz) inscritos nos braços de negras cruzes.

Remembranças estas de setenta anos passados!... E o cariz bávaro do povoado de S. Luiz Gonzaga, ao perpassar do tempo e ao suceder das gerações, nos mostra hoje a pujança miscibilidade de seu sangue, o espírito empreendedor e laborioso e a larga visão progressista de sua gente. Bem haja aquêle que plantou na dadivosa gleba catarinense tão fecunda semente!

Pois bem: também quero, espontâneamente, como um singelo adminículo ao histórico, em provável elaboração da vivaz e industrial cidade e seu distrito oferecer um singelo e descolorido escôrço biográfico do ilustre brasileiro que, administrando proficuamente a nossa formosa e hospitaleira terra, nela nos deixou, como valiosa dádiva, em pleno florescimento o núcleo colonial, hoje no gôzo merecido dos foros de cidade, e que justo orgulho, lhe perpetua o nome:

FRANCISCO CARLOS DE ARAÚJO BRUSQUE

Ao alvorecer da nossa Independência, em Pôrto-Alegre, capital da então província de São Pedro do Rio Grande do Sul, oriundo de uma das famílias mais distintas daquele rincão, veio à luz, aos 24 de maio de 1822 (de outubro de 1820, em Pelotas, diz Múcio Teixeira), o ilustre estadista do segundo reinado, cuja nobre existência, dedicada à Pátria e à Família, será para nós motivo de estudo nestas desataviadas linhas.

Foram seus progenitores o Coronel Francisco Vicente Brusque, grande do Império, fidalgo com exercício nas Casas real de Portugal e imperial do Brasil, comandante da Guarnição e Depósito da supramencionada capital, e de sua legítima espôsa D. Delfina Carlota de Araújo Ribeiro Brusque.

Deste casal também era filho o Dr. José de Araújo Brusque, quatro anos mais moço do que o nosso biografado.

Francisco Carlos, desde a mais tenra idade, manifestou notável vivacidade, inteligência privilegiada e dedicada inclinação para os estudos. Assim é que, ainda adolescente deixou saudoso a casa paterna para iniciar seus estudos superiores em S. Paulo; e, com ex-

celentes notas completou o curso de humanidades.

Matriculou-se então, em 1841, na Faculdade de Direito da referida capital. Era Araújo Brusque "de pequena estatura, magro, moreno, olhos pretos e vivos. cabelos pretos no tempo de estudante, pois encaneceu depressa, ao ponto de, aos 40 anos, estar com o teto coberto de neve. Simpático, sociável, brincador, era em S. Paulo a alma de tôdas as festas" — anota Almeida Nogueira em suas interessantes "Tradições e Reminiscências da Academia de São Paulo", vol. II.

Apesar de atropelado com os estudos, não deixava Araújo Brusque de interessar-se pela política geral do país, que lhe inflamava "os sentimentos cívicos". Filho de uma província, então a braços com sanguinoso movimento liberal, sentia-se, naturalmente, o jovem gaúcho imbuído daquele espírito revolucionário da mor parte dos seus comprovincianos; e, nestas condições, ao rebentar, em 1842, em S. Paulo e Minas, a revolução, Araujo Brusque alistou-se logo nas fileiras dos que combatiam o govêrno do Império. Abafada ràpidamente a sedição, logrou êle voltar aos bancos acadêmicos. Diz um dos seus biógrafos: — "Francisco Brusque fêz bom curso jurídico; era tido como estudante talentoso e aplicado; mas... (infelizmente há sempre um mas) havia contra êle a prevenção dos lentes **carranças**, que não simpatizavam com a desenvoltura dos seus modos, e a dos políticos adversos, que não levavam a bem o seu exaltamento partidário".

De sua agitada e divertida vida acadêmica, Almeida Nogueira alcançou fixar vários episódios. "Refere a tradição, que numa feita, provàvelmente pelo carnaval, disfarçou-se em mulher e em trages de cigana meteu_se de gorro com magnatas da capital . . . deu sorte! No dia seguinte era uma boa e ingênua velhinha da Cutia ou da Conceição dos Guarulhos, **Nhá Tuca**. que percorria as casas das principais famílias paulistanas, receitando mesinhas engraçadas para moléstias e achaques mais engraçados ainda. Noutra ocasião tomou parte numas **cavalhadas**, no campo dos Curros, divertimento comemorativo das guerras peninsulares entre mouros e cristãos, e que por muito tempo se celebraram com extraordinário fausto em várias cidades e vilas do Brasil. O simulacro das pelejas terminava pela derrota dos mouros, seguindo-se então disputados torneios em que os cavalheiros patenteavam a sua elegância e destreza, e o adestratamento dos seus corcéis, executando evoluções difíceis, apanhando montados e a galope, objetos colocados no chão, dando tiros sôbre cabeças de turcos e enfiando argolinhas na ponta da lança" — mostra-nos Múcio Teixeira, em "Os Gauchos".

Tudo isso sob as vistas entusiásticas de um avultado público, e aos olhos enamorados de belas e românticas donzelas. O vestuário era de cetim azul paar os critãos, róseo para os mouros e todo êle bordado a ouro.

Destro cavaleiro, Brusque fazia prodígios nessas **cavalhadas.** Todo o povo o admirava e aplaudia-o; os seus colegas faziam-lhe calorosas ovações, as damas atiravam-lhe flôres. Era completo o triunfo.

Em 1845, aos 17 de novembro. completava seu curso jurídico; entretanto, as suas exaltadas idéias políticas e a "desenvoltura dos seus modos" concorreram talvez — diz-nos o citado autor — "para o desastre da defesa de tese de Brusque. Concorria, talvez, para agravar êstes motivos outro fato, de natureza mais delicada. Vivia êle conjugalmente, sem a precedência das bênçãos da igreja — conta-nos ainda Almeida Nogueira — com uma senhorinha, filha de conceituada família paulistana, que por êle se apaixonara, esperando ambos legitimar aquela situação logo que fôsse vencida a oposição dos parentes dêle" . Mas, "o idílio do estudante teve um trágico desenlace. De regresso à terra natal, Brusque, fiel, ao compromisso, mandou buscar a sua dileta Olímpia, que partiu contente, com o paraíso n'alma, pois ia ser desposada aos olhos de Deus e dos homens. Que mais poderia almejar? Nem mesmo isto, porém, lhe foi concedido; um naufrágio malogrou a doce esperança, e ela pereceu nas

costas de Santa Catarina".

Munido do seu pergaminho, sua província natal recebeu o filho dileto com grande alegria e entusiasmo. A política o fascinava. O partido liberal-progressista o atraiu ao seu seio. Foi eleito logo deputado provincial para a legislatura de 1849. Araújo Brusque montou então escritório de advocacia nas cidades do Rio Grande e Pelotas.

Durante a campanha de 1851-52 contra o tirano argentino Rosas, o nosso biografado serviu no Exército nacional como Auditor de guerra com o pôsto de Major, nomeação subscrita pelo conde de Caxias, comandante em chefe de nossas Fôrças em operações de guerra. Alcançou nessa rápida e gloriosa campanha a Medalha de ouro de mérito militar e as honras do pôsto de Coronel.

De volta aos caros penates, seu nome foi novamente sufragado para deputado à Assembléia provincial nas legislaturas de 1853 e 1856. Neste último ano, seus patrícios elegeram-no representante da província na Câmara temporária do Império, continuando a figurar nela em a 9.ª, 10.ª, 11.ª, 12.ª e 13.ª legislaturas (1853-56), (1857-60).

Como orador parlamentar, Araújo Brusque deu as mais brilhantes provas de eloqüência. "Na tribuna de uma e outra casa — conta-nos F. Osório — pôs em acentuado relêvo seu formoso talento, iluminado pelas irradiações do seu vasto saber". "Quando orava era um encanto ouví-lo, o auditório ficava prêso à sua palavra arrebatadora", — completa A. Pôrto Alegre. Em conseqüência de sua eleição transferira sua residência para o Rio.

Pela carta imperial de 6 de setembro de 1899, foi Araújo Brusque nomeado Presidente da província de Santa Catarina. Assumiu o cargo a 21 de outubro do referido ano, tendo sido recebido com grande simpatia, além de festejos, guarda de honra e imponente **Te-Deum.** Lê-se na circular que fêz distribuir comunicando sua posse às Câmaras municipais: — "Confiado nos sentimentos generosos, que distinguem esta população, é para mim muito lisonjeira a esperança que nutro de poder contar com o concurso de todos os cidadãos no desempenho da missão de prover o desenvolvimento dos legítimos interêsses desta província".

Foi o Dr. Araújo Brusque o 12.º presidente da formosa terra catarinense, tendo recebido o cargo das mãos do Vice-presidente, o bacharel Espiridião Eloi de Barros Pimentel.

A 1.º de abril de 1860 apresentava à Assembléia legislativa provincial (1.ª sessão da 10.ª legislatura) o seu primeiro "Relatório", do qual respingaremos algumas passagens.

Começava por desculpar-se da deficiência de informações "de tôdas as necessidades que sente a província e melhoramentos, que reclama". Procurou, antes do mais, coligir dados referentes ao movimento demográfico da circunscrição do Império, que presidia.

A respeito da colonização européia, de que se mostrava grande entusiasta e propugnador, dizia: — ". . . esta província reúne as mais belas condições para atrair uma corrente de emigração espontânea a seu solo ainda inculto. Clima ameno, terras férteis, capazes a tôda produção, e majestosos rios, onde pode deslisar extensa navegação fluvial, são as condições que garantem o risonho futuro que lhes aguarda".

Nessas condições, no vale do rio do Cedro, em situação adequada, mandou o Dr. Brusque preparar o terreno para o estabelecimento de quarenta famílias. A êsse primeiro núcleo colonial deu o nome de Teresópolis que, em 1861, já contava 622 almas.

Fundou ainda, a 4 de agôsto de 1860, à margem esquerda do Itajaí-Mirim, em ótimos terrenos de cultura, destacados das colônias Itajaí e Príncipe D. Pedro, novo núcleo colonial que, hoje, muito merecidamente, ostenta com orgulho o nome de **Brusque.** Logo depois, fêz estabelecer a chamada Colônia Nacional.

Lembrava êle à Assembléia provincial a criação de pequenas colônias de agricultura prática, fornecidas dos melhores instrumentos aratórios, intercaladas no seio dos nossos lavradores. Convencido de que o futuro da Província, que com tanta visão admi-

nistrava repousava em grande parte no desenvolvimento de seus núcleos coloniais, esforçava-se por vencer, tôdas as dificuldades que cercavam ou empedia êsse interessante ramo do serviço público. Por isso ufanava-se com a certeza de haver resolvido aquelas dificuldades, e restando-lhe o consôlo de ver contentes e satisfeitos com a sua nova pátria os emigrantes que tinha estabelecido.

Face ao resultado alcançado, perguntava êle: — "O que falta, pois, Senhores, para que esta província se torne em pouco tempo uma das mais ricas do Império? Um sistema de colonização, que atraindo a emigração européia, não sòmente composta de proletários, a quem nos encarregamos de fazer proprietários, mas também de capitalistas, venham com seus braços e capitais fecundar nossas terras e colhêr os dons que ocultam elas em seu seio. Os primeiros passos — mostrava êle — já foram dados; os núcleos coloniais existentes o demonstram,e em seu progresso está o germe de vosso risonho futuro. Eu os tenho percorrido, visitando as colônias em suas habitações, recolhendo-me contente por ver nesse agregado de homens de nacionalidades diversas uma população mais ou menos industriosa, satisfeita de sua situação e orgulhosa de ter fundado no seio de nossas florestas uma Pátria para os seus filhos".

Além de outros serviços, à terra catarinense, fêz instalar o novo Município de Itajaí, mandou melhorar o depósito de carvão da ilha dos Ratos, destinado a receber o combustível para os nossos vasos de guerra. A casa do govêrno mereceu logo sua atenção. A êste respeito, vamos, transcrever um trecho do comentário feito pelo jornal "O Argos" de janeiro de 1860, sob o título de "Asseio": — "O palácio do govêrno da província, que apresentava um aspecto medonho em seu exterior, e indecente no interior, em poucos dias de estada do novo Presidente, mudou inteiramente; já quem ali entra, convence-se que o morador atual difere muito em pensamento e gôsto do seu antecessor. Algumas carradas de lixo foram tiradas da casa pública, onde habitava o delegado do govêrno imperial na capital de Santa Catarina! — agora trata Sua Excelência do externo: estão levantados na frente do palácio os andaimes para efetuar-se a obra; muito breve veremos concluído êste melhoramento".

Durante sua ativa e progressista, infelizmente curta administração embarcado em vasos da nossa esquadra, realizou visitas de inspeção ao farol de Naufragados, a Itajaí, S. Francisco e Joinvile, tomando providências assaz proveitosas, que expôs em seu segundo "Relatório" apresentado à Assembléia provincial aos 8 de março de 1861.

No dia 20 do referido mês e ano, à instância do govêrno imperial e por intermédio do seu ministro da Justiça, Dr. Francisco de Paula Sayão Lobato, acedeu o nosso ilustre biografado em assumir o govêrno da província do Pará. Passou a administração de Santa Catarina ao vice-presidente João José de Andrade Pinto a 17 de abril do mesmo ano.

O Dr. Brusque empossou-se no govêrno do Pará a 23 de junho de 1861. Logo que tomou as rédeas administrativas, procurou conhecer a província, percorrendo vários pontos dela a bordo do vapor **Manaus**; regressou dessa excursão a 17 de setembro daquele ano, com preciosa messe de observações. De volta a Belém, além de outros importantes serviços públicos e administrativos, entregou-se o distinto brasileiro ao estudo dos hábitos e costumes, à antropologia enfim, das tribos selvagens daquela região, com o fito sobremodo louvável de atraí-las à civilização. Êsses interessantes trabalhos sôbre as tribos do Amazonas e do Grão-Pará foram classificados pelo conselheiro Ladislau Netto, diretor do Museu Nacional, como os mais completos para o conhecimento dos indígenas do norte do Brasil.

Nosso estudioso e erudito biografado, além da catequese, classificação e proteção a essas tribos selvagens, fundou com os índios Tembés, então dispersos, uma aldeia que denominou "Santa Leopoldina", confiando ao cidadão Pedro Loureiro da Costa a direção dêste aldeiamento, estabelecendo

as bases do seu govêrno econômico e a instrução dos seus habitantes. Deu ainda largo incremento aos núcleos do aldeiamento de Ararandeua, entregando sua direção ao Alferes Inácio Leopoldino de Andrade (vejam-se os "Relatórios" apresentados à Assembléia legislativa do Pará em 1862 e 1863). Por êsse tempo foi o Dr. Araújo Brusque galardoado pelo Imperador com a Ordem da Rosa.

Foi ainda durante sua progressista administração no Pará que se deu desagradável incidente, determinado pela audácia de dois vasos de guerra peruanos, as canhoneiras **Morona** e **Pastôra** tentando violar as nossas fronteiras marítimas e fluviais e subir, à fôrça o rio Amazonas. Êsses navios de guerra, sob o comando superior do Capitão de navio Ferreiro, desatenderam às intimações feitas em Gurupá e Óbidos para não prosseguirem. A petulância do comandante peruano chegou a tal ponto que abriu fogo contra a fortaleza de Óbidos. O bravo e pundonoroso Comandante da fortificação brasileira (cujo heróico nome, no momento, não nos ocorre), despejou briosamente, seus canhões sôbre os vasos insultantes, e o fêz com galharda e excelente pontaria. A canhoeira **Pastôra** recebeu uma banda tão certeira que, para não ir a pique, teve que, à tôda fôrça de máquinas encalhar à margem do rio, enquanto a **Morona** sofria outras avarias de menor monta. Informado da afronta peruana, o presidente Araújo Brusque, sem perda de tempo, mandou que a Frotilha nacional, sob o comando do Chefe Guilherme Parker suspendesse imediatamente, aprisionasse os vasos agressores e os conduzisse a Belém. Dentro em pouco, a **Morona** a reboque de uma das nossas canhoeiras, chegava à capital da província não acontecendo o mesmo à outra por se encontrar em estado de não poder navegar.

Entre 15 e 22 de janeiro de 1863, foram trocadas várias notas entre a nossa chancelaria e o representante do Peru. Afinal, a 23 de abril, foi, felizmente, considerado terminado o incidente entre os dois países. A 12 de junho, suspendia a **Morona** a caminho do Peru, que ao frontear o forte de Óbidos, parou as máquinas, atopetou o pavilhão do Império e saudo-o com 21 tiros, que foram correspondidos. O navio **Pastôra**, depois de convenientemente reparado, procedeu da mesma forma, antes de regressar à sua pátria.

Em dezembro de 1863, o Dr. Araújo Brusque, tendo sido eleito representante do Amazonas na Câmara dos deputados do Império (12.ª legislatura 1863-66), deixou o govêrno do Pará, transmitindo-o ao 1.º Vice-presidente João Maria de Morais, a 27 de janeiro de 64.

Em o Gabinete ministerial, presidido por Zacarias de Vasconcelos (o 19.º do 2.º reinado, organizado aos 15 de janeiro do dito ano) o ilustre parlamentar substituiu na pasta da Marinha a 31 de março, o Senador João Pedro Dias Vieira, que passou a sobraçar a dos Estrangeiros; e, a 31 de maio do mesmo ano, assumiu, interinamente, a pasta da Guerra, em lugar do Coronel José Mariano de Matos.

Araújo Brusque foi o segundo riograndense do sul a ocupar o alto cargo de Ministro de Estado. "Tomou sempre o mais vivo interêsse pelos deveres inerentes, a êsse cargo". "Não transitou por ali sem deixar um traço luminoso de sua passagem rápida, mas proveitosa". Quem percorrer a nossa legislação encontrará boa cópia de medidas excelentes postas em prática durante sua gestão concorrendo sobremodo para a maior eficiência e disciplina de nossa Marinha militar. Estêve o Dr. Araújo Brusque no poder até 31 de agosto de 1864, quando ao sul do continente já se acumulavam nuvens borrascosas, que nos levariam à prolongada e sanguinosa guerra.

Mostrava em seu "Relatório", apresentado à Assembléia geral legislativa, na 2.ª sessão da 12.ª legislatura, que a administração central e superior da nossa Marinha ressentia-se de "superabundância de formalidades, complicação de detalhes inúteis lenteza no estudo das questões, que muito importava corrigir". Mostrava-se por isto, favorável à reforma apresentada pelo seu antecessor, o Al-

mirante Joaquim José Inácio, futuro visconde de Inhaúma. Pedia uma boa lei de promoções que "sem desconhecer o direito de antigüidade proporcione razoável quinhão ao merecimento, cortando o abuso pela prefixação de condições na escolha e interstícios para o acesso de um pôsto ao outro".

Quanto às Classes anexas, mostrava achar-se o Corpo de Saúde incompleto devido à pouca afluência de candidatos para o serviço sanitário naval, razão que tinha sua natural explicação nas vantagens e cômodos, que os médicos encontram no exercício da clínica civil, por certo muito superiores às que lhe asseguram os planos e regulamentos navais; o Corpo de fazenda ressentia-se também de defeitos e vícios.

Com referência à Marinhagem, dizia: — "Sendo . . . muito limitado o número de nacionais que fazem profissão da vida do mar, e também diminuto o dos estrangeiros que procuram o serviço militar, em que, para compensar os ônus da disciplina, não deparam as vantagens que encontram na Marinha mercante, vê-se o govêrno, para o preenchimento das lotações dos seus navios, adstrito aos recursos que lhe proporciona o Corpo de Imperiais Marinheiros e companhias de Aprendizes Marinheiros. E é por isto que identificando-me com as vistas dos meus antecessores tratarei de dar a semelhantes companhias o maior impulso possível".

Compunha-se então a nossa Fôrça naval de 42 navios; 13 de vela e 29 a vapor, montando 239 bôcas de fogo e guarnecidos por 2.787 praças de pré e 602 Oficiais do Corpo d'Armada e outras classes de embarque. Mesmo assim, o ilustre titular achava "que o estado de nossa Fôrça naval, já em relação ao número, já confrontando-o com os melhoramentos que a ciência tem modernamente introduzido nas marinhas de guerra, torna-se cada dia mais precário e fraco".

Depois de mostrar as causas primordiais da decadência do material flutuante, prosseguia em considerações demonstrativas da necessidade premente de possuirmos uma Marinha eficiente e poderosa.

Parece que o ilustre titular, com larga visão de estadista, descortinava o sangrento conflito que, d'ali a meses, se desenrolaria nas águas do Prata e do Paraguai! Esboçava êle um programa naval, que comportaria a construção de 46 unidades de guerra, sendo 3 corvetas encouraçadas de primeira ordem, 3 canhoneiras couraçadas, 30 canhoneiras de ferro e 10 corvetas de madeira, sistema misto, a iate, de fôrça de 500 cavalos. Durante sua administração continuaram os levantamentos hidrográficos da nossa costa entregues à competência técnica de Vidal de Oliveira e de Hoonholtz (barão de Tefé).

Quando o Dr. Araújo Brusque abandonou o ministério — escreve um dos seus biógrafos — "a imprensa carioca teceu os mais rasgados elogios à sua administração, que só se inspirou no bem público". Em 1865 voltou à Câmara dos deputados, continuando nela, a figurar na 15.ª legislatura (1872-1875), militando sempre na política liberal. Nesse tempo retirou-se à vida privada, dedicando-se então, exclusivamente, ao mister da advocacia. Nunca militou na imprensa — di-lo um dos seus filhos.

O Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque teve a satisfação de receber, em vida, dos catarinenses uma elevada prova de gratidão pelos serviços prestados como administrador do seu privilegiado rincão. Pela lei provincial n.º 920, de 23 de março de 1881, foi criado o Município de BRUSQUE como homenagem ao ilustre presidente. Mais tarde, ao sul do Estado, novo povoado tomou o seu nome.

O nosso biografado, além do título de Conselho, era condecorado com o oficialato da Ordem da Rosa, com o hábito de Cristo e com a Grã-Cruz do leão de ouro Neerlandez.

Era cunhado do famoso General Francisco Pedro de Abreu, barão de Jacuí, apelidado o **Moringue**, bravo e astuto imperialista, que se distinguiu na campanha contra os Farroupilhas (1835-1845).

Continua na página 174

Philodendron Renauxii Reitz

FOTOGRAFIA tirada pelo autor da espécie nova, publicada em homenagem ao Cônsul Carlos Renaux. O instantâneo foi feito num rochedo em plena selva na Serra do Taboleiro, em Pilões, no município de Palhoça, único lugar onde até hoje foi achada esta grande raridade.

HOMENAGEM DO PADRE RAULINO REITZ AO CÔNSUL CARLOS RENAUX

LIGANDO o nome de Cônsul Carlos Renaux a uma bela planta de nossa rica flora que denomino *Philodendron renauxii* (pronúncia: renôi) Reitz prestou uma justa homenagem a quem muito amou a natureza especialmente a vegetal. Não se contentou apenas com o ajardinamento dos arredores de seu palacete residencial mas revestiu igualmente d'um belo verde a circunvizinhança de suas fábricas o que sem dúvida contribuiu para a conquista do alto padrão dos produtos de suas fábricas têxteis. O trabalho num ambiente alegre e sadio impressiona o subconsciente e dispõe para os trabalhos finos e delicados.

A publicação de *Philodendron renauxii* é igualmente uma homenagem muito justa à família Renaux que continua e desenvolve a obra de seu grande progenitor mesmo no cultivo e apreciação da natureza. E' de seus terrenos que já saíram centenas de milhares de mudas de árvores que revestem nossos morros e jardins. *Grevillea robusta* era uma das árvores de predileção do Cônsul Carlos Renaux e hoje vêmo-la em todos os recantos de Brusque e mesmo em muitos outros municípios catarinenses.

A descrição da planta dou-a primeiro em latim que é a língua oficial da ciência botânica tanto que é inválido o nome de planta que não fôr descrita nesta língua. Por fim vem a descrição em português. A publicação oficial desta diagnose apareceu na revista SELLOWIA, de Itajaí, aos 31 de dezembro de 1957.

PHILODENDRON RENAUXII REITZ

Caudex, reptans, teres, validus, 3-5 cm crassus, internodiis 1-2 cm longis. FOLIORUM petiolus supra sulcatus, 30-40 cm longus, laminae subaequilongus, basi vagina 3-5 cm longa instructus; lamina subcoriacea, pulchre hialinomarginata, late-elliptica, vel elliptica, vel oblongo-elliptica, versus apicem rotundata vel obtusa, apice ipso cuspidulato, basi generatim cordato-emarginata, 30-40 cm longa, 10-15 cm raro usque ad 20 cm lata, costa supra planiuscula, infra alte prominente-rotundata, nervis numerosissimis, densissimis, fere omnibus subaequalibus (nervi robustiores in figura non seper adsunt), patentibus, non semper paralelis, prope marginem curvatim adscendentibus, conjunctis. PEDUNCULUS 15-20 cm longus, peciolo tenuiore. SPATHA cymbiformis, oblonga, apice acuta, pedunculo minore, 14-18 cm longa, 4-6 cm lata, apice breviter apiculata intus albida. SPADICIS inflorescentia feminea cylindroidea, pauce supra medium spathae dorso adnata, basi breve stipitata, 5 cm longa, inflorescentia mascula cylindrica, usque 2-plo feminea longior, 9 cm longa. PISTILLA breviter ovoidea, 8-11 locularia, loculis pluriovulatis, ovulis basi loculorum funiculis longis affixis, ad basim barbelatis.

Philodendron renauxii in clave Engleriano-Krauseana (Das Pflanzenreich, 1913) locum habet juxta Ph. loefgrenii a quo apice rotundato vel

obtusato, numero loculorum, id est 9-11, funiculo barbelato differt. Hac descriptione nova Sectio Bausiae ita sonare deberet: "ovarium 4-12-loculare" loco "4-8 loculare".

TYPUS — Pilões, Palhoça, S. Cat., ad rupem, 350 m, P. R. Reitz et R. Klein nr. 2851 (23.2.1956), HBR 9732.

CÁUDICE, reptante, cilíndrico, forte, 3-5 cm de grossura, internódios 1-2 cm de compr. FÔLHAS de pecíolo sulcado por cima, 30-40 cm de compr. subequilongo à Lâmina, com bainha de 3-5 cm de compr.; lâmina subcoriácea, lindamente hialino-marginada, largo-elíptica, ou elíptica, ou oblongo-elíptica, arredondada para o ápice ou obtusa, ápice cuspidado, base geralmente cordado-emarginada, 30-40 cm de compr., 10-15 cm raramente até 20 cm de largura, costa plana por cima, por baixo, altamente proeminente - arredondada, nervuras numerosíssimas, densíssimas, quase tôdas sub-iguais (as nervuras mais fortes da figura não existem sempre), patentes, nem sempre paralelas, subindo curvamente perto da margem onde reúnem. PEDÚNCULO 15-20 cm de compr., mais fino que o pecíolo. ESPATA cimbiforme, oblonga, de ápice agudo, menor que o pedúnculo, 14-18 cm de compr., 4-6 cm de larg., curtamente apiculada no ápice, branquicenta por dentro. ESPADICE com inflorescência feminina cilíndrica, concrescida à espata um pouco acima da metade, curtamente estipitada na base, 5 cm de compr., inflorescência masculina cilíndrica, até o duplo maior que a feminina, 9 cm de compr. PISTILOS curtamente ovoídeos, 8-11 loculares, lóculos pluriovulados, óvulos fixos na base dos lóculos por funículos compridos, barbelados.

OBS: — *Philodendron renauxii* até hoje foi ùnicamente achado em Pilões, no município de Palhoça.

P. Raulino Reitz
Diretor do Herbário "Barbosa Rodrigues"

O Centenário de Brusque

Continuação da página 171

Em Pelotas, a 12 de dezembro de 1882, dando uma demonstração clara de seu espírito liberal e de seus sentimentos humanitários, desejando celebrar a formatura de um dos seus filhos, fê-lo entregar cartas de liberdade a seus escravos", informa-nos o Dr. F. Osório. E foi uma figura obrigada, durante certo tempo, nas assembléias do passado do Rio Grande — refere o autor acima — em cujo recinto se enfileiravam os homens mais ilustres de nossa terra pelo saber, pelas virtudes ou cheios de serviços à Pátria. Aquela velha casa, onde se reuniam os nossos representantes no seu modesto interior, apresentava o aspecto venerando de uma assembléia de deuses. E o Dr. Araújo Brusque ocupou sempre, aí, um lugar de destaque".

Cercado da maior consideração dos seus comprovincianos e de sua inconsolável família, expirou o prestimoso estadista na cidade de Pelotas, aos 23 de setembro de 1886.

Honraram-lhe o nome ilustre, seus dignos filhos, o Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque, que foi Juiz de Direito de Pelotas e Deputado provincial em 1891; e o Almirante reformado Rafael Brusque que, na Marinha nacional deixou acentuado traço de dedicação, talento e profisciência.

O retrato do Dr. Araújo Brusque figurava na galeria dos Ministros da Marinha do antigo Museu Naval.

Blumenau no passado

UMA vista da então Palmenalee, que já se chamou Boulevard Wendeburg, Alamêda Dr. Blumenau e que foi o comêço da colônia Blumenau. Os primeiros dezessete imigrantes estabeleceram-se, de início, às margens do Ribeirão da Velha, nas imediações da antiga estação da Estrada de Ferro Santa Catarina, onde o Dr. Blumenau estabelecera um engenho de serrar madeiras e os primeiros ranchos para abrigo dos colonos. Mas a colônia mesma teve seu comêço na Rua das Palmeiras, estendendo-se pelo Garcia acima, onde foram vendidos, em 1852, os primeiros onze lotes coloniais, em leilão, o mais caro dos quais foi a Cr$ 11,50. De início, foram ali plantadas palmeiras reais, que pouco depois foram substituídas pelo brasileiríssimo *gerivá*. Ainda hoje se conservam, com cuidado, muitas das mesmas palmeiras ainda plantadas pelo Dr. Blumenau, algumas das quais, entretanto, já foram substituídas em virtude de morte das primitivas. A alamêda das Palmeiras, hoje Duque de Caxias, é um dos mais aprazíveis recantos de Blumenau e, com algumas providências por parte da administração da cidade, tornar-se-ia, sem dúvida, uma atração ainda mais procurada pelos visitantes.

O ARTIGO 4.º da lei 447, de 29 de março de 1858 determinava: "Para professor de primeiras letras das colônias Dona Francisca e Blumenau exige-se que o candidato seja cidadão brasileiro, maior de 21 anos, de bons costumes, e saúde e que, além das matérias próprias do ensino, saiba a língua alemã.

Figuras do Passado

JACOB BRUECKHEIMER

JACOB Brueckheimer foi, em vida, um homem simples, modesto. Destacou-se, porém, na sociedade blumenauense pelas suas virtudes, pelo seu trabalho e honradez, podendo ser apontado como o exemplo do munícipe que sabe cumprir com os seus deveres para com Deus, a pátria e a família.

Filho do imigrante Jacob Brueckheimer, natural de Baden e de sua espôsa Johane Kremer, nasceu em Blumenau a 13 de setembro de 1894. Em 26 de outubro de 1914 casou-se com dona Marta Butzke. Teve o casal os seguintes filhos: Gertrudes, Eugênio, industrial e vereador à Câmara Municipal, Ewaldo, Harry, Eva e Elvira. Com exceção de Eva, falecida em 1932, os demais concorrem, ainda, com o seu trabalho e a sua atividade para o engrandecimento da comuna que o seu digno progenitor tanto honrou. Dedicando-se ao ofício de construtor, Jacob Brueckheimer deixou o seu nome ligado a importantes empreendimentos, como o edifício dos Correios e Telégrafos, a sede da Sociedade Ginástica, as Lojas da Companhia Hering, acréscimo do Hospital Santa Isabel, a residência do Sr. Ingo Hering, o ginásio diocesano de Lajes e outros. Tomou parte muito ativa na vida social da cidade e do município, integrando a direção de sociedades esportivas, como a de Atiradores de "Velha", da qual foi presidente durante cêrca de 20 anos. Contava amigos entre as pessoas de maior destaque no município como Curt Hering, Dr. Amadeu Luz, Júlio Kleine, Erwino Berndt, Teodoro Darius, o fundador da Auto Viação Catarinense, Drs. Alfredo Hoess e Hans Pape, médicos ilustres, João Hahn e outros. Faleceu, repentinamente, a 11 de setembro de 1934, legando à família um nome honrado e ao município um exemplo digno de imitação.

UMA variedade de gravatás, a conhecida bromeliácea, muito usada em tapumes no litoral de S. Catarina, foi classificada por Fritz Mueller e traz o nome dêsse sábio.

A grande injustiça

Nemésio HEUSI

PESSOALMENTE e por cartas que recebo, tenho sido mal compreendido desde que escrevi "Controvérsia Histórica" em a "Revista do Sul". Nada há contra a "Pequena Pátria", de Marcos Konder. Nada há contra Vasconcelos de Drumond. Nada há contra a fundação de Itajaí. O que há são fatos históricos que pesquisados mais pacientemente, por historiadores como, José Boiteux, Lucas Boiteux, José Ferreira da Silva e Oswaldo Rodrigues Cabral, deram e ainda dão, uma versão muito diferente daquela que Marcos Konder deu em a "Pequena Pátria", que acredito, foi precipitadamente, no interêsse admirável de dar data e fundador para Itajaí. Não discutimos a data o que pomos dúvida é quanto ao fundador, senão vejamos: Nas "anotações" feitas pelo mesmo Antônio Menezes Vasconcelos de Drumond, que Marcos Konder presume ser o fundador de Itajaí, a sua biografia publicada em 1836 na "Biografie Universelle et Portative des Contemporaines", êle, Drumond, nada disse ou escreveu que o autorizasse como fundador ou colonizador de Itajaí. A sua missão naquela época como disse Ferreira da Silva em "Blumenau em Cadernos" tomo I, número 8, de junho e julho do corrente ano, à página 148 . . . "Depois de uma estadia de sete meses em Santa Catarina, Vasconcelos de Drumond regressou em 1819, ao Rio de Janeiro. Apresentando-se ao ministro Vila Nova Portugal, expôs-lhes o resultado de suas observações quanto às condições da província, sôbre o que já se havia feito e o que restava a fazer em relação à colonização e povoamento do seu território e concretização do plano que fôsse aprovado. Entre parênteses: Os planos que ele expôs ao ministro, eram, pouco mais ou menos, os mesmos de que, alguns anos antes (1816) Miguel Ferreira de Brito tratara na sua conhecida "Memórias Políticas" (reabertura da estrada de Lajes), anexação dessa vila paulista à capitania, colonização dos vales dos dois Itajaí etc etc".

Lemos tôda a biografia de Drumond e as suas anotações, nelas nada disse Drumond que se referisse sequer, a um ato seu de fundação ou colonização de Itajaí. Marcos Konder deve ter feito confusão quando afirmou em sua "Pequena Pátria" página 7 . . . "Por êste folheto (refere-se à biografia e anotações) se sabe que Drumond veio a S. Catarina pela segunda vez em 1819, especialmente para empreender a colonização das terras marginais do Itajaí, aqui estêve, fundou povoados, construiu um barco e despachou com um carregamento ao Rio de Janeiro. Foi ainda do Rio Itajaí que êle mandou a madeira para obra do museu do Campo de Santana e mandou de PRESENTE, por que fôra cortada e serrada à sua CUSTA" — os grifos são nossos.

Nada disto é verdade, há, como já disse, muita confusão em Marcos Konder. Aliás, Ferreira da Silva tem documentação conseguida pelo Almirante Lucas Boiteux nos arquivos do Ministro da Guerra, sumamente interessante e breve êle escreverá em "Blumenau em Cadernos" provando que a madeira acima referida por Marcos Konder, não foi mandada à sua

custa, nem presente de Drumond! São documentos históricos que trarão luz a êste fato afirmado, sentimentalmente, por Marcos Konder.

Vasconcelos de Drumond não estêve pela segunda vez em 1819 em Santa Catarina como também afirma o ilustre autor de "Pequena Pátria". Pela segunda vez êle estêve em 1820 quando veio tomar posse das duas sesmarias doadas a El-rei para nelas fundar um estabelecimento. Mais notem bem, estas duas sesmarias são às margens do Itajaí-mirim e pela distância coincidem a sua localização, com o Município de Brusque, conforme também e, ainda, Ferreira da Silva, em "Blumenau em Cadernos" acima referido, tão claramente expôs publicando um mapa encontrado pelo mestre Oswaldo Cabral quando pesquisava documentação sôbre a História da fundação de Brusque. Foi no Itajaí-mirim que Vasconcelos de Drumond recebeu a missão de fundar um estabelecimento, nunca na foz do Itajaí-açu, onde hoje, se localiza a nossa histórica e querida Itajaí . Estou coligindo dados e, se Deus quiser, em abril do próximo ano, quando Itajaí festejará o seu centenário de criação de município, publicarei um livro para esclarecer de vez esta controvérsia histórica.

Com isto não estarei fazendo uma grande injustiça a Marcos Konder como alguém me disse. "A Pequena Pátria" foi o admirável comêço que Marcos Konder, com tanta sensibilidade escreveu, sôbre a história e fundação de Itajaí, acredito que não quererá Marcos Konder, que ela seja um dogma e que ninguém mais possa escrever sôbre a fundação e colonização da nossa querida terra.

A História só se escreve com a luz clara da verdade que se encontra nos documentos que o passado nos legou e, geralmente, dormem sôbre o bolor dos velhos arquivos. Nem sempre se pode afirmar sem exaustivas pesquisas, um fato histórico sob pena de cedermos a evidência da realidade.

Já hoje não pomos dúvidas que o verdadeiro fundador e colonizador de Itajaí tenha sido Agostinho Alves Ramos, assim já o disse Ferreira da Silva e pensam também outros historiadores. No entanto, os homens públicos de Itajaí cometeram uma grande injustiça com êste bravo colonizador, relegando-o ao completo esquecimento! Ainda é tempo de reagirmos, prestando uma homenagem pública a êste bravo pioneiro que entre muitas obras beneméritas iniciadas em Itajaí contavam-se: a construção da primeira, segunda e terceira capelinha, onde hoje se encontra a nossa velha Igreja Matriz; contratou e trouxe para Itajaí o primeiro vigário, Frei Pedro, pagando de seu bôlso a côngrua, o que significava, pensão que se dava ao pároco para sua conveniente sustentação; fêz o primeiro arruamento das largas e principais ruas que ainda hoje tanto nos orgulham; conseguiu e construiu a primeira escola pública; foi inspetor da colônia; deputado provincial por diversas legislaturas; arranjou a Freguesia; foi o primeiro comerciante e industrial; colonizou não só Itajaí como os arredores, Belchior, Pocinhos e Gaspar, enfim, tudo fêz pela nossa terra! Morreu, sendo enterrado no antigo cemitério atrás da velha Igreja Matriz, a 16 de julho de 1853, completamente pobre! E é sôbre êste grande homem que tanto fêz por nós Itajaienses que voltaremos ao assunto até que seja apagada de vez a grande injustiça que praticamos contra Agostinho Alves Ramos.

Agôsto

1883 - dia 11. No Salão Baumgarten, festeja-se com muita alegria a fundação do "Gemischter Chor Urania".

1883 - dia 14. Um grupo de blumenauenses faz publicar nos dois jornais locais o seguinte: "Os signatários convidam os redatores e colaboradores do "Blumenauer Zeitung" e do "Immigrant" a cessarem tôdas as questões, intrigas e ataques, pois isso não interessa à maioria dos leitores, prejudica os jornais e depõe muito contra a nossa colônia. Esperamos que êste nosso desejo seja satisfeito. Blumenau, 14 de agôsto de 1883. Otto Stutzer, A. Pershun, A. H. von Harthental, Gustavo Salinger, Fr. Lungershausen, A. Meldola, Luiz Altemburg, C. Friedenreich, H. Clasen, Andréas Grassmann, Jacob Graesser, Peneder, Hugo Riedel, Bernard Hoepner, F. von Ockel, L. Knoblauch, J. Baumgarten, F. Faust, H. Koehler, E. Gropp, G. Grahl, G. Hindelmeyer, Fr. Raabe".

1884 - dia 3. Foi colocada a pedra fundamental da igreja evangélica de Indaial.

1884 - dia 15. O Dr. Hermann Blumenau deixa Blumenau, definitivamente, retirando-se para a Alemanha, onde já se encontrava sua família. Os amigos do fundador reuniram-se na véspera (14) no Hotel Schrepp para fazerem as despedidas. Falou o vigário de Blumenau, Pe. José Maria Jacobs que, interpretando o sentir geral, manifestou o pesar da população pela partida do velho e querido colonizador. O Dr. Blumenau agradeceu, comovido, a expressão de simpatia de seus amigos e assegurou que tudo fizera pelo bem da colônia e sua grandeza e pelo bem e felicidade do Brasil.

1884 - dia 26. Chegou à vila Tranquilino Antonio da Silva que veio substituir Reginaldo de Morais, escrivão demissionário da Comissão de Engenheiros.

1885 - dia 7. Foi assassinado, à noitinha, Heinrich Kaestner, de 60 anos de idade. Era dirigente de uma banda de música em Badenfurth.

1885 - dia 10. Realiza-se a segunda eleição para vereadores. São eleitos José Henrique Flôres Filho e José Joaquim Gomes, completando-se assim o número legal de componentes da Câmara.

1886 - dia 30 O presidente da província assina a lei n.º 1.109, desta data, que cria a Comarca de Blumenau. E' êste o teor da lei: "O Doutor Francisco José da Rocha, Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, Comendador da de Nossa Senhora da Conceição da Vila Viçosa e Presidente da Província de Santa Catarina, faço saber a todos os habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte: Art. 1.º — O Têrmo de São Paulo de Blumenau fica desmembrado da Comarca de Itajaí. Art 2.º — O dito Têrmo formará uma Comarca com a denominação de Comarca de São Paulo de Blumenau. Art. 3.º — Os limites da nova comarca serão os atualmente existentes do município do mesmo nome. Revogadas as disposições em contrário. Mando, portanto a tôdas as autoridades, a que o conhecimento e execução da referida lei pertencer que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

1887 - dia 2. Com 63 anos de idade falece Gottlieb Huscher, velho residente de Blumenau.

1887 - dia 5. Morre afogado no Ribeirão Garcia um filho de Henrique Watson, de 10 anos de idade.

1887 - dia 11. Falece, com 77 anos de idade, Ludwig Rieschbieter, imigrado em 1862.

1888 - dia 3. A "Gesang Verein Germania" comemora o 25.º aniversário de sua fundação com uma grande festa em que tomaram parte as seguintes sociedades, que realizaram um torneio de canto: "Frohsinn", desta vila, "Harmonia", de Encano, "Teutonia", de Timbó, "Liederkranz" de Weissbach e "Concordia" de Badenfurth.

1888 - dia 12. Realiza-se a eleição para um vereador na vaga de José Henriques Flôres. Compareceram 59 eleitores na vila e 19 em Gaspar. Houve unanimidade de votos em Gustavo Salinger. (Salve os bons tempos da eleição a bico de pena!...)

1891 - dia 3. Tomé Braga é nomeado secretário interino da Intendência.

1891 - dia 31. Realizaram-se as primeiras eleições para Superintendente e Conselheiros Municipais. Foi eleito superintendente o Dr. José Bonifácio da Cunha com 1.062 votos. Foram eleitos conselheiros: Augusto Mueller, 1.085 votos; Luiz Altemburg, 1.083; Henrique Reuter, 1.085; Leopoldo Knoblauch, 1.079; Pedro Schmidt, 1.078; Henrique Krohberger, 1.075; Fernando Braatz, 1.075; Luiz Abry, 1.066; Emílio Wehmuth, 1.066; Aleandro Lenzi, 1.053; Gustavo Salinger, 1.043; Frederico van Ockel, 1.027; e Jorge Wamser, 1.007.

Entretanto, nuvens pronunciadoras de fortes tempestades políticas amontoavam-se nos horizontes da pátria. Pouco depois, estourou o movimento revolucionário que ensangüentou S. Catarina e em que perderam a vida, fuzilados por ordem de Moreira César, vários catarinenses ilustres, inclusive um de Blumenau.